

O POETA E O CRONISTA: O HOMEM E A LETRA

(A crônica de Affonso Romano de Sant'Anna)

Renato Cordeiro Gomes (PUC-RJ)

MATRAGA 12, 1999

Como me inscrever no tempo que me escreve?

ONDE leria o meu QUANDO?

QUEM leria o meu COMO?

COMO escrever o meu ONDE?

QUANDO escrever o meu QUEM?

(Affonso Romano de Sant'Anna: A grande fala do índio guarani)

Cada um enfrenta a guerra

Com as armas de que dispõe.

(Affonso Romano de Sant'Anna: A Catedral de Colônia)

O poeta transfigura-se em cronista. A ligá-los há a mediação entre o homem e a letra (para aproveitar o título de um de seus poemas). O poeta vira "escritor crônico", como afirma Affonso em texto que está em sua página na Internet ("O cronista é um escritor crônico"). Porque poeta, que tem consciência do meio de veicular seu outro tipo de produção, o "cronista é o mais livre dos redatores de um jornal. Ele pode ser subjetivo. Pode (e deve) falar na primeira pessoa sem envergonhar-se. Seu 'eu', como o do poeta, é um eu de utilidade pública". É dessa outra faceta do poeta que quero falar, tecendo um texto com fragmentos de textos dele.

Falando do seu exercício de cronista, ele próprio pergunta e responde: "Que tipo de crônica escrevo? De vários tipos. Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais". E continua: "Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano. Claro que essas que interferem mais cruamente em assuntos momentosos tendem a perder sua atualidade quando publicadas em livro. Não tem importância. O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar encharcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele".

Ancorado no presente, partindo da observação do cotidiano, que lhe fornece os assuntos, Affonso não abre mão de testemunhar o seu tempo, de ser seu porta-voz. "O cronista tem algo de poeta repentista: tem de dar uma resposta imediata a certas perplexidades pessoais e sociais" ("Assim se passaram dez ou quarenta anos", de *A vida por viver*). Em sua *práxis* discursiva, dessa forma, conjuga os acontecimentos vivos da rua e os acontecimentos da misteriosa máquina humana, ambos filtrados pelo eu, que dosa proximidade e distância, o cotidiano subjetivo (rótulo de uma das seções do livro citado há pouco) e o coletivo-social. Com base nessa ótica, afirma: "O cronista não deve escrever de fora para dentro, deve consultar aquilo que o está tocando em certo momento" ("Assim se passaram dez ou quarenta anos"). Desse modo, "seu eu, como do poeta, é de utilidade pública"(repito). Através da marca subjetiva – que é também filtro de linguagem – o cronista toma partido, enquanto militante da escrita (o escritor crônico). Tira partido do observado para o registro emocionado da realidade, para então refletir sobre ela: sobre fatos, comportamentos, gente, literatura, a própria crônica, arte & vida, política & tal ... (ver o sumário de *A vida por viver*). A atitude estética é plenamente ética e almeja, de certa forma, interferir no cotidiano: sua utilidade é pública. Na crônica "O escritor, o público" (de *Mistérios gozosos*), Affonso ressalta que o escritor "escreve por abundante carência", é aquele que emerge da precariedade. Assertivas como "o mundo como está não lhe basta. Falta-lhe algo" – remetem à conclusão de "A sociedade imaginária" (também do mesmo livro): para o imaginário humano, a realidade não basta, "é apenas a parte mais visível da ficção. Só a ficção alimenta as partes mais famintas e insondáveis da alma". Esse alimento é o que fabricam o poeta e o cronista, que conjugam arte & vida com a arma de que dispõe – a palavra.

Disse o poeta Carlos Drummond de Andrade: "Há um estado de crônica, ou seja, sem atormentar o leitor, apenas, aqui e ali, recordando-lhe a condição humana" (em *A bolsa e a vida*). É justamente nesse "aqui e ali" disseminado pelo texto que a crônica transcende o cotidiano, o rés-do-chão (como ressalta Antônio Cândido). Deslizando pelos fatos, Affonso quer trabalhar, em suas grafias, "os limites entre a vida do texto e o texto da vida" ("O desconcertante Wittgenstein"). Tematizando o sentimento, a linguagem, as personalidades, o cotidiano e as histórias (como as cinco seções em que se divide o livro *Mistérios gozosos* e que serviriam para outros livros), a prática escritural revela como esses limites se tramam, se interpenetram. Nesses limites difíceis de serem estabelecidos, é que o poeta-cronista colhe e engasta aqueles "aquis e alis", para compor um vasto painel da condição humana, de que dá testemunho: é olhar e é escuta de seu tempo. Tal qual Mozart ("Improviso para Mozart"), o cronista se expõe, oferecendo-se como uma casa, uma paisagem que se abre ao outro: "uma arte para fora, generosa".

Com sua palavra ora afetiva, ora emocionada, ora indignada, crítica, mas sempre generosa, ele detecta o ser humano e banal, como já afirmara em "De que ri Mona Lisa". Sabe que "a arte que não é generosa é uma arte imperfeita", por isso compõe uma música para compensar o silêncio dele próprio e do leitor. Destaca ele: "Quem escreve, escreve para não morrer.

Quem lê, lê para imaginar que vive; o texto é a mediação entre eles: a revelação de um e o enriquecimento do outro; o texto, a crônica, é a moeda de troca neste comércio generoso: “no espaço da crônica há uma troca de intersubjetividades”, pondera em “Teoria da crônica”, de *A vida por viver*. Ao repartir os acontecimentos, as emoções e os sentimentos, o cronista busca a empatia do leitor: “a relação do cronista com seu público é uma relação quente”, teoriza na mesma crônica, certamente valendo-se da recepção entusiasmada e numerosa que seus textos, publicados primeiro no *Jornal do Brasil* e depois em *O Globo*, vêm recebendo por parte de um público heterogêneo e amplo. Assim, escrita com a “caligrafia da paixão”, a crônica funciona como sedução, insiste no encontro com o leitor anônimo, no jogo da “paixão escrita” e da paixão pela escrita, que articula arte & vida. Nesse jogo de letras que se chama literatura, “quem escreve (o mágico da palavra, o ilusionista, o fingidor, o poeta) quer ser correspondido – já declarava Affonso em “Cartas: a paixão escrita”, da coletânea *O homem que conheceu o amor*. O diálogo com o leitor, nesse diapasão faz emergir o saber múltiplo. “O autor se propõe a dizer uma coisa, mas o leitor constrói sua leitura segundo suas carências e iluminações (...) O sentido é construído a muitas vozes e ouvidos, harmoniosamente” - declaração de “Desaprendendo a lição” (do mesmo livro) que ecoa em “O escritor, o leitor” (de *Mistérios gozosos*).

Nessa busca que é também aprendizado, o cronista, à maneira de S. Simeão, padroeiro dos cronistas, que cuidava de sua alma e da alma dos homens, é um “estilita” (“aquele santo que ficava em cima de uma coluna, em região abandonada, orando e pregando”), que cuida também do seu estilo: “Minha vida espiritual mudou muito depois desse ascetismo neste deserto de homens e de idéias. Tenho aprendido muito. Aprendi a amaciar meu estilo humano. A poesia de minha alma tornou-se mais tangível”. Estilita e estilista, o poeta-cronista tem os cuidados de si dimensionados pelos cuidados com o outro, “os leitores, fiéis e peregrinos, que lhe trazem o pão e o mel em meio às asperezas do deserto”, conclui em “O cronista é um estilita”.

O conjunto das crônicas recolhidas em livro são prova cabal disso. Uma amostragem exemplar, porque seleciona textos de diversas coletâneas, pode ser encontrada no livro *Fizemos bem em resistir* que, em 1994, comemorou dez anos do convite do *Jornal do Brasil* a Affonso para substituir Drummond que havia colaborado durante longos anos como cronista naquele periódico. As crônicas do livro – balanço que é resistência – reafirmam o lugar de Romano de Sant’Anna na linguagem geral, pois não cede nem abre mão de sua maneira de falar/pensar, de seus traços estilísticos pessoais, como assegura, quando interroga onde está a linguagem de hoje. Quem se acomoda aos modismos teóricos ou languageiros, apressadamente descartados e substituídos por outros, sem reflexão crítica mais acurada, acaba sendo falado em vez de falar. E pergunta: “- Existem cartéis e oligopólios da linguagem? me parece que sim. E isto não me parece muito democrático. /Onde está a linguagem hoje?/ Quem tem ouvidos, ouça; quem tem boca, fale – diz o oráculo. /E eu preferiria pensar no

plural, nas linguagens de hoje. Ou melhor: nas linguagens possíveis de hoje, linguagens sempre livres e em transformação" ("Onde a linguagem nova?", de *Mistérios gozosos*).

Por esse viés, pode-se perceber uma das características mais afirmativas nas crônicas de Affonso, que põe sua palavra na contra-mão dos cartéis e oligopólios da linguagem, ou melhor ainda, dos saberes. Generosamente, e até pedagogicamente, o cronista-professor põe esses saberes em circulação, diluindo os limites dos círculos especializados. De raspão, no prazer do jogo do pensar, traços leves, discretos, desses saberes saem dos "cofres da erudição" (a expressão é dele) para habitar sua coluna de jornal: saber como alimento diário – saber com sabor. Com a "bela moeda da emoção" aliada à bela moeda dos "biscoitos finos" (como disse Oswald de Andrade) da reflexão erudita e sofisticada, ao relatar sua experiência e a do outro, o cronista "tem coragem de divulgar o que lhe ensina o coração" (outra expressão dele) e o que lhe ensinam os livros. Repartindo com generosidade os saberes (aqui Mário de Andrade vem à lembrança), registra as suas perplexidades frente a massa da vida e o volume do tempo e requer a resposta do leitor, para fazê-lo acreditar que "aprendemos todos que o texto também constrói e esclarece o real" e que "viver também é arte de lidar com as palavras". Por isso, afirma que o escritor é "um revisor da vida colocando notas de pé de página". São notas de pé de página acrescentadas ao texto da vida revisado por Affonso que constituem os mistérios gozosos e outros mistérios (dolorosos e gloriosos) fixados no corpo da letra de seus livros, convites sedutor para o leitor decifrar. Podemos, com certeza, dizer dele o que é dito para Ella Fitzgerald na crônica "Cantando entre chamas"(de *Mistérios gozosos*): "Comove-me ver essas coisas que os artistas conseguem fazer: reunir brancos e pretos, aproximar pobres e ricos, aglutinar as nacionalidades e sexos e criar um momento de paz e êxtase como a dizer que o ser humano é viável, embora lá fora o ódio incendeie o cotidiano e algumas esperanças."

Contra esses incêndios é que, durante esses anos, a sua palavra de poeta-cronista enfatiza que "fizemos bem em resistir". Resistência que motiva um "novo recomeçar" para poder perceber "o surgimento da beleza", "o amor impronunciável", "a ruína que nos dá lições de vida" ... em meio ao espetáculo banal do cotidiano. Resistir pelo exercício da escrita, pela palavra que é ação, é, em suma, também parte do cotidiano desses tempos de homens partidos que se perdem e se buscam nos labirintos urbanos.

Semelhante aos poemas "A grande fala do índio guarani" (1978) e "A catedral de Colônia" (1987), "a crônica é uma forma de resistência". "Resistamos juntos" - fecho de "Assim se passaram dez ou quarenta anos" – parece ser também a convocação dos dois poemas. Com as armas de que dispõe, a palavra (a grande arte) – a verdadeira arma a se temer, instrumento da "grande fala", o poeta-cronista une política e paixão para elaborar o seu modo de inscrever-se no tempo que o escreve. Com suas pequenas narrativas publicadas em veículo descartável como o jornal, busca transcender às contingências do cotidiano, guardando, entretanto, com suas indagações de base (quem?, como?, onde?, quando?) que se mesclam reciprocamente, "o vínculo quente com a vida" – como disse a imagem de Ana Cristina Chiara, ao referir-se à obra de Affonso Romano de Sant'Anna. O poeta-cronista, que em sua obra se inscreve e se

constrói, numa argamassa de homem e letra, é um descendente da utopia que teima em buscar sentido num mundo de sentidos descartáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHIARA, Ana Cristina. Apresentação. *Encontro com o poeta Affonso Romano de Sant'Anna*. UERJ: Instituto de Letras, 26 maio 1998.

GOMES, Renato Cordeiro & FIGUEIREDO, Vera Follain. "Dupla história de granito e rima". In: SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A grande fala do índio guarani e A catedral de Colônia: edição comemorativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Política e paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

----- . *A mulher madura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

----- . *O homem que conheceu o amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

----- . *A raiz quadrada do absurdo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

----- . *De que ri a Mona Lisa?* Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

----- . *Mistérios gozosos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

----- . *Fizemos bem em resistir: crônicas selecionadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

----- . *A vida por viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.